



atos

do conselho geral

ano LXVII — out.-dezembro, 1986

n. 319

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 319

ano LXVII

outubro-dezembro

1986

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 Pe. Egídio VIGANÓ 1988 nos convida a uma especial renovação da Profissão	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 Pe. Gaetano SCRIVO Capítulos inspetoriais e Visitas de conjunto	16
	2.2 Pe. Luc VAN LOOY Projeto África: avaliações e orientações	21
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	3.1 Nova Edição do Necrológio salesiano	29
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor	32
	4.2 Crônica do Conselho Geral	32
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Decreto da Congregação para as causas dos Santos sobre a heroi- cidade das virtudes da Serva de Deus LAURA VICUÑA	35
	5.2 Convênio entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora para a ani- mação dos Cooperadores Salesianos	37
	5.3 Reconhecimento da pertença à Fa- mília Salesiana do Instituto das Irmãs Missionárias de N. Senhora Auxiliadora	40
	5.4 50.º Aniversário da profissão do Reitor-Mor. Mensagem do Santo Padre	42
	5.5 Novos Inspetores	43
	5.6 Nomeação pontifícia	45
	5.7 Solidariedade fraterna (48.º relatório)	45
	5.8 Irmãos falecidos	47

1. CARTA DO REITOR-MOR

1988 NOS CONVIDA A UMA ESPECIAL RENOVAÇÃO DA PROFISSÃO

50 anos de vida salesiana — Profissão religiosa e as mudanças conciliares — O árduo processo de identificação — Releitura da santidade de Dom Bosco — A garantia da sua Escola espiritual — O espírito de Dom Bosco na perspectiva de 1988 — Um tipo de reflexão a ser provocada — Propósitos de santidade salesiana — Conclusão.

Roma, 1 de setembro de 1986

Queridos Irmãos,

vos escrevo no dia do aniversário da minha primeira Profissão religiosa. Passaram-se já 50 anos: meio século! Praticamente a metade dos cem anos que nos preparamos a celebrar em 1988. Terminei o noviciado dois anos após a canonização de Dom Bosco e comemoro o jubileu de ouro de Profissão alguns anos antes das celebrações centenárias de sua morte. Um espaço de tempo suficientemente longo e significativo para estimular algumas reflexões sobre a experiência salesiana.

A Profissão foi para mim o início de um modo concreto da seqüela de Cristo, de um compromisso apostólico na Igreja, de uma predileção pelos jovens, de uma inculturação missionária em outro continente e de uma consciência de identidade salesiana num contexto cultural pluralista. Possibilitou uma espécie de aventura cristã, não pensada e nem programada, que manifesta, olhando estes decênios à luz da fé, a presença criativa do Espírito, a participação na missão salvadora do Filho e a fonte perene da misericórdia infinita do Pai.

Profissão religiosa e mudanças conciliares

Na metade do caminho destes meus 50 anos de vida salesiana está a participação às quatro sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II, o acontecimento eclesial do século, visita do Espírito

Santo à Igreja, “grande profecia” para o terceiro milênio do Cristianismo.

Durante os quatro anos deste extraordinário acontecimento vi rejuvenescer o sentido da Profissão salesiana.

Na Igreja cresceu a vontade de realizar uma guinada decisiva apesar do protesto de alguns elementos frenadores, que foram se sobrepondo como o pó do tempo: a superação de uma mentalidade estática, um tanto legalista, com a pretensão de autarquia, satisfeita do seu passado, trancada em estruturas de outras épocas, centralizadora e instigadora de perigosas reações. Um clima semelhante estava bastante difundido e precisava ser renovado com a passagem de um vento novo.

O Concílio fez experimentar uma estimulante volta às fontes. Exigiu uma fidelidade à Profissão, mas profunda e seriamente inserida no mistério de Cristo, na santidade e na missão específica do Fundador, na sua originalidade pastoral; voltada a um sentido apostólico de maior relação com o mundo para servir e promover o homem, à criatividade e dinamismo da ação; valorizando a dimensão social na nossa prática dos conselhos evangélicos, a exigência de relançar os leigos com uma consciência mais ampla do carisma de Dom Bosco como Movimento de pessoas e como mensagem de santidade juvenil e popular.

O árduo processo de identificação

Esta mudança conciliar exigiu da Congregação, como de todos os Institutos religiosos, um intenso trabalho de busca e definição da própria identidade diante das grandes mudanças da cultura emergente.

Viver a Profissão salesiana, no espaço destes vinte anos, neste complexo processo de identificação, exigiu um prolongado esforço de reflexão e de diálogo, vividos na participação ativa em quatro Capítulos gerais (XIX, XX, XXI, XXII), colaborando com todos os irmãos na reelaboração das Constituições e dos Regulamentos gerais.

O fato ainda de ter recebido, durante este período, a obediência de viver a Profissão salesiana na qualidade antes de Conselheiro geral para a formação e depois de Reitor-Mor, trouxe para mim uma responsabilidade mais viva. Ao concluir o último CG 22,

um dos momentos de alegria mais autenticamente salesiana foi certamente o de renovar a Profissão com o novo texto das Constituições, após ter confiado solenemente a inteira Congregação à Virgem Auxiliadora, nossa bondosa Mestra e Guia.

O que mais intensamente veio crescendo foi a figura de Dom Bosco como nosso Fundador e Modelo, um presente para a Igreja e para nós, suscitado e harmonizado pelo Espírito Santo com qualidades e dotes proféticos de santidade e ação, que ultrapassam a cultura do seu tempo para projetar-se mais além dos limites geográficos do Piemonte e das conjunturas históricas.

A santidade dinâmica de Dom Bosco se configura cada vez mais claramente como o ideal da Profissão salesiana, elevada a “consagração apostólica” na Igreja.

Releitura da santidade de Dom Bosco

Após a reflexão de tantos anos, é possível resumir em poucas linhas programáticas o ideal da santidade de Dom Bosco como objetivo a ser alcançado com a nossa Profissão.

Partindo da certeza que a santidade é una e multiforme¹, percebe-se em Dom Bosco a presença de valores fundamentais, comuns a todos, e ao mesmo tempo os traços de um estilo todo seu.

A santidade é “una”, e consiste para todos no exercício convicto da fé, da esperança e de uma caridade pronta a qualquer sacrifício; é associação da mística e da ascética que proclama a plenitude da vida no Espírito: um amor que leva a abraçar a cruz!

A santidade é “multiforme”, portanto todo grupo, aliás cada pessoa, participa da vida e da missão da Igreja, em situações e com modalidades diferentes, também de expressão da mesma Graça.

Em outras ocasiões escrevi sobre o tema da nossa santidade: na circular de dezembro de 1981 refleti convosco sobre a maneira de “Reprojetar juntos a santidade”², em setembro de 1983 apresentei o tema “Dom Bosco Santo”³, e na “Boa Noite” do dia da

¹ *Lumen Gentium*, 41

² ACS 303, janeiro-março 1982

³ ACS 310, outubro-dezembro 1983

minha reeleição, na véspera do 50.º da canonização do nosso Fundador, apresentei este sexênio vinculado a este aspecto⁴. O da santidade é um tema inesgotável que deve estar constantemente presente diante da nossa consciência. Acrescentaremos, por isso, algumas outras reflexões.

O próprio Dom Bosco condensou a mística e a ascese, que marcaram o seu estilo de vida, em duas frases características do nosso espírito salesiano; em seguida concretizou sua participação na missão da Igreja numa precisa escolha do campo de ação, vivida com critérios e estilo originais.

Vejamos estas três dimensões que são como que a releitura sintética da experiência espiritual do nosso Pai.

— Antes de tudo a “mística”, ou seja a vida de fé, esperança e caridade, condensada na frase “*da mihi animas*” e alicerçada na radicalidade da doação de si na prática dos conselhos evangélicos. Isto traz consigo uma maneira de contemplar a bondade do Pai, de ouvir a Palavra da salvação e de participar do seu Amor transformador, que nutre no coração uma união ininterrupta com Deus. Ela se exprime no êxtase de uma incansável ação apostólica: é a interioridade que se entrega à missão. Esta mística se alimenta no encontro cotidiano com Cristo, que nos liberta em nossos compromissos de todo perigo de esgotamento da dimensão pastoral.

— A dimensão de “ascese”, que é domínio de si — espírito de sacrifício — e compromisso de fidelidade, é expressa por Dom Bosco na frase “*trabalho e temperança*”, reforçada, também aqui, na radicalidade daquelas renúncias que são próprias da prática dos conselhos evangélicos. Um programa que, no estilo do nosso Fundador, adapta-se facilmente às mudanças culturais e que recebe confirmação e maior compreensão no avanço das disciplinas antropológicas: o realismo da doação de si por amor ao próximo à luz da caridade trazida por Cristo ao mundo. Para sermos verdadeiros discípulos de Cristo é indispensável cultivar o espírito de sacrifício, de custódia do coração e de renúncia, que nos ajuda a evitar o insidioso desagregar-se da disciplina religiosa.

— Por fim, “a escolha do campo de ação” para participar ativamente na missão da Igreja, é a de uma fecunda *pastoral juvenil e popular*. Ela precisa ser continuamente avaliada em relação às situações da sociedade humana, a começar pelos “pe-

⁴ CG22, Documentos n.º 104

quenos e pobres” que encontramos bem perto de nós. A predileção pelos jovens define o campo desta escolha, que se caracteriza por um estilo e por critérios de aproximação que Dom Bosco definiu “Sistema Preventivo”.

Trata-se de uma modalidade de convivência, de diálogo, de evangelização e de promoção que se assenta sobre três vigas mestras:

- o bom senso (“razão”), como expressão de uma inteligência equilibrada e perspicaz, conhecedora do coração humano e das realidades sociais;
- a dimensão religiosa (“religião”), como visão convicta do Transcendente, portadora de valores culturais e elemento indispensável na formação de cada uma das pessoas;
- o calor e a sinceridade do afeto (“amabilidade”), como atmosfera de confiança, de diálogo e de convivência familiar com os destinatários de nossas obras.

Modelo permanente desta escolha e deste estilo é a experiência de Dom Bosco no Oratório de Valdocco⁵.

Tantos anos de Profissão salesiana confirmam a validade, a beleza e a atualidade deste tipo de santidade, que fez de Dom Bosco um dos mais importantes Fundadores de Famílias espirituais na Igreja.

A garantia da sua Escola espiritual

Dom Bosco, nascido na floração de Santos que embelezou o Piemonte no século passado, teve o mérito de iniciar uma autêntica “*Escola de santidade*”. Se têm valor para o seu tempo as várias obras apostólicas que iniciou, o ter promovido com sucesso uma peculiar modalidade de santidade lhe garante uma genialidade espiritual que o insere entre os grandes da Igreja com uma fecundidade capaz de se encarnar mais ainda através dos séculos.

Para tornar a santidade uma mensagem atraente e válida para todos os seus destinatários, Dom Bosco quis apresentar a sua essência com simplicidade e realismo, adaptando-a à idade, às situações de vida e ao ambiente cultural.

⁵ cf. Constituições 40

O bem-aventurado Miguel Rua, santa Maria Domingas Mazzarello, são Domingos Sávio, aos quais podemos acrescentar de alguma maneira também os bem-aventurados Luís Orione e Luís Guanella, experimentaram diretamente o influxo do seu peculiar estilo de santidade. O programa de espiritualidade juvenil vivido por são Domingos Sávio é particularmente significativo; o próprio Dom Bosco o descreveu e aprofundou na biografia do seu jovem aluno, ampla e inteligentemente comentada pelo Pe. Alberto Caviglia. Igualmente claro se apresenta o esquema de santidade salesiana se estudarmos, sob o aspecto típico da sua espiritualidade, as várias biografias escritas por Dom Bosco e as vidas de outros nossos santos, bem-aventurados e servos de Deus.

Também o Pe. Filipe Rinaldi é testemunha direta do influxo pessoal de Dom Bosco: cito-o de maneira particular porque durante este mês de outubro a Congregação para as causas dos Santos iniciará o exame de suas virtudes heróicas; confiamos que este seja o primeiro passo para um próximo reconhecimento mais alto.

A proposta da Escola evangélica de Dom Bosco certamente não se esgotou nos santos, bem-aventurados e servos de Deus que lembramos acima. Existe também outro aspecto, ao qual ainda não se deu a devida atenção e que também possui uma importância significativa e privilegiada para o discurso sobre sua típica "experiência do Espírito"⁶. Quero me referir às primeiras comunidades formadoras da Congregação em que, no final da vida de Dom Bosco e logo após sua morte, os seus primeiros discípulos fizeram florescer a santidade salesiana: Foglizzo como Noviciado e Valsalice como Pós-noviciado. Ali atuaram o Pe. Rua, o Pe. Barberis, o Pe. Bianchi, o Pe. Piscetta (para só citar alguns deles) e é singular que nestas comunidades, pouco tempo depois do desaparecimento do querido Pai, se formaram e trabalharam (num período de poucos anos, ou até quase contemporaneamente) um bom número de nossos irmãos servos de Deus dos quais está em andamento a causa de beatificação e canonização: o venerável André Beltrami, o venerável príncipe Augusto Czartoryski, o servo de Deus Luís Variara, o bem-aventurado Mons. Luís Versiglia, o servo de Deus Vicente Cimatti. Aquelas duas comunidades de formação salesiana são na verdade uma continuação fecunda da autêntica Escola evangélica iniciada por Dom Bosco.

⁶ cf. *Mutuae relationes*, 11

É prova mais do que evidente o fato que vários dos irmãos acima lembrados sentiram o primeiro impulso em direção à santidade num encontro, talvez até casual, mas determinante com a pessoa do santo Fundador: o Pe. Beltrami, estudante em Lanzo, leu uma composição em homenagem a Dom Bosco e escutou dele uma palavra que orientou a sua vida; Mons. Versiglia fez a mesma experiência; o príncipe Czartoryski foi conquistado por Dom Bosco num encontro em Paris; o Pe. Variara viu uma só vez o olhar penetrante do Pai e ficou fascinado por toda a vida; o Pe. Cimatti, nos braços da mãe, olhou de longe a Dom Bosco e animou mais tarde todo o seu apostolado com a intuição daquele encontro de sua primeira infância.

Sem dúvida não foi simplesmente o acaso a endereçar estes futuros bem-aventurados e servos de Deus no caminho trilhado por Dom Bosco!

Tudo isso é um claro sinal de como entre os irmãos era experimentada a grandeza e a atração da santidade de Dom Bosco e como na Congregação e na nossa Família criou-se um impulso espiritual que caracterizou sua fisionomia. Aqui está o segredo da audácia missionária das origens; aqui a energia para a maravilhosa expansão da Família salesiana em todos os continentes; aqui a razão de sua flexibilidade na inculturação, fruto de um natural instinto de universalidade.

Que a energia de santidade fosse co-natural na vida dos nossos grandes missionários e missionárias das primeiras horas, está demonstrado também pelo surpreendente fato que exatamente na Patagônia — primeira terra da aventura missionária salesiana — tenham sido elevados ao vértice da santidade juvenil os veneráveis Zeferino Namuncurá e Laura Vicuña.

Entre os bem-aventurados, veneráveis e servos de Deus candidatos aos altares podemos ainda lembrar, como testemunhas na Escola de santidade de Dom Bosco que se prolonga no tempo: o bem-aventurado Calisto Caravário, mártir em terras chinesas; os numerosos mártires espanhóis que testemunharam a sua fé nos dramáticos acontecimentos da guerra civil; Mons. Luís Oliva-res, incansável Pastor entre o seu povo; o Pe. Rodolfo Komórek, grande por seu espírito de oração e de mortificação; o Pe. José Quádrio, professor de teologia e estudioso do mistério da Assunção; o irmão leigo Simão Srugi, conterrâneo de Jesus, expressão humilde e profética do ecumenismo: ele, melquita tornou-se

salesiano e foi caridoso promotor do diálogo com os muçulmanos; e o senhor Artémides Zatti, benemérito samaritano da Patagônia, terra que se estava abrindo naquela época à civilização e que carecia dos modernos serviços sanitários: fundou em Viedma o primeiro hospital da cidade.

Entre as Filhas de Maria Auxiliadora podemos lembrar a venerável Tereza Valsé-Pantellini; as servas de Deus Madalena Morano, Cármen Moreno, Amparo Carbonell, Eusébia Palomino, Maria Troncatti, Laura Meozzi e Maria Romero.

Entre os Cooperadores lembramos a venerável Dorotea Chopitea, grande benfeitora; o cardeal José Guarino, amigo de Dom Bosco e fundador de um Instituto religioso feminino; Alexandrina da Costa, admirável no sofrimento; José Toniolo, grande leigo comprometido com o mundo social.

E entre os Ex-alunos, o venerável Alberto Marvelli, grande animador oratoriano e da Ação católica; o heróico militar Salvo D'Aquisto, que sacrificou sua vida por amor ao próximo; e o barão Antônio Petix, incansável apóstolo entre os próprios Ex-alunos.

Estes nossos candidatos aos altares, que chegam a mais de uma centena⁷, são só a ponta de um iceberg, que manifesta a presença viva do espírito de Dom Bosco entre os vários grupos da sua Família e entre os destinatários nas diferentes presenças apostólicas: um espírito sempre exuberante de vitalidade, flexibilidade e fecundidade, que testemunha um especial plano de Deus no dom da santidade apostólica entregue a Dom Bosco como Fundador.

O espírito de Dom Bosco na perspectiva de 1988

Se a Escola da santidade salesiana é a principal herança de Dom Bosco Fundador, as celebrações centenárias do aniversário da sua morte deverão sobretudo se distinguir por um compromisso marcante no interesse e na fidelidade em relançar seus conteúdos evangélicos.

Trata-se, certamente, de um dom do Espírito Santo, antes de ser um programa nosso; sabemos, porém, que Ele não retoma o que doou, aliás Ele quis, com o grande acontecimento que foi o

⁷ cf. Elenco SDB 1986, 2.º vol. pp. 194-196

Concílio, renovar e atualizar o seu presente como profecia preciosa e válida para a cultura atual. Se rezarmos com esta finalidade e nos comprometermos, aparecerão frutos abundantes.

Eis porque nos propomos realizar em 1988 um ano de reflexão e de propósitos sobre a santidade salesiana à luz das grandes orientações conciliares do Vaticano II.

Podemos dizer que as iniciativas de preparação esboçadas até agora nos orientam principalmente neste sentido.

— *Em nível de Congregação* nos colocamos, sobretudo após a aprovação do novo texto das Constituições e dos Regulamentos, numa espécie de “estado de noviciado” para um prolongado e intenso trabalho de formação permanente. Queremos, em 1988, realizar uma solene renovação da nossa Profissão religiosa, como expressão viva daquela consagração apostólica que o texto das Constituições, no espírito do Concílio, nos ensinou a conhecer melhor, a valorizar e a testemunhar com mais autêntica profundidade e profética atualidade. Intensificando assim a nossa caridade pastoral poderemos demonstrar ao mundo a vitalidade do carisma de Dom Bosco.

— *Em nível de Família Salesiana* sentimo-nos em comunhão mais intensa com os outros Grupos que, como nós, renovaram os textos fundamentais de sua identidade na fidelidade às suas origens e ao Concílio. Queremos trabalhar juntos para relançar o grande projeto do Fundador, sobretudo envolvendo numerosos e corajosos leigos nas Associações dos Cooperadores e dos Ex-alunos. É nosso propósito animar um vasto Movimento espiritual e apostólico de pessoas que se interessem pelos problemas da juventude e da educação.

— *Em nível dos jovens*, nossos destinatários, estamos comprometidos desde algum tempo na redefinição e na promoção de uma espiritualidade juvenil que seja a alma e o objetivo, de maneira gradual e apropriada, das nossas variadas atividades.

É sintomático que, por interesse e solicitude do arcebispo de Turim, S. Em.^a o cardeal Anastásio Ballestrero, obteve-se junto do Santo Padre a proclamação de um especial “Ano Santo dos jovens” na Igreja particular de Turim nos meses que decorrem entre o 31 de janeiro de 1988 a 31 de janeiro de 1989. O argumento central de reflexão que caracterizaria este “Ano de graça para a juventude” serão os conteúdos proféticos do Vaticano II.

Consideramos nossa tarefa especial a de entregar a mensagem do Concílio aos jovens a caminho do ano 2000!

As condições para este jubileu extraordinário serão proximamente determinadas pela Sé Apostólica e serão comunicadas oportunamente a todos. No entanto pode-se desde já pensar no clima de preparação, nos programas a serem elaborados, nas peregrinações a serem organizadas, na santidade a ser conhecida e amada.

A proclamação de um Ano Santo especial amplia para uma dimensão eclesial as celebrações de 1988. Será interessante abrindo nossos horizontes mais além da Família Salesiana sensibilizar Pastores e fiéis das Igrejas locais onde vivemos e colaboramos, e apresentar a figura de Dom Bosco como um santo moderno suscitado por Deus qual providencial "Amigo da juventude", especialmente mais necessitada e popular. É uma perspectiva fabulosa!

Um tipo de reflexão a ser provocada

Parece-me oportuno sugerir aqui aos diferentes animadores das Inspetorias, como orientação prática, alguns temas para reflexão. Trata-se só de uma indicação certamente não completa, para analisar alguns aspectos que deverão concorrer para criar o clima das celebrações. Alguns temas são próprios mais para a reflexão dos irmãos, outros podem ser estendidos a toda a Família Salesiana, outros são mais indicados para os jovens, e outros para todos. É auspiciável que estes temas sirvam para estimular a fantasia e para formular outros mais adequados ao próprio ambiente, na mesma linha, com vistas ao grande objetivo a ser alcançado.

Eis, portanto, como exemplo, um elenco de temas:

- A Relação conclusiva do Sínodo extraordinário de 1985.
- Os sinais dos tempos e a profecia do Vaticano II.
- A novidade e a importância vital da liturgia da Nova Aliança.
- Centralidade da Eucaristia e da Penitência na nossa pastoral.
- A carta de João Paulo II aos jovens — 1985.

- Os atuais desafios para uma espiritualidade juvenil.
- Os novos problemas da evangelização das culturas.
- Urgência em saber incultural o “Sistema preventivo”.
- O Oratório, nosso critério permanente de pastoral juvenil.
- Educação cristã e sociedade civil.
- O sentido de Igreja vivido por Dom Bosco.
- A contribuição de Dom Bosco nos assuntos sociais.
- Profissão salesiana e consagração apostólica.
- Prática dos Conselhos evangélicos e necessidade da ascese.
- A atualidade de Dom Bosco como modelo de santidade.

Estes temas e outros possíveis deveriam ser desenvolvidos como resposta aos desafios que as várias situações apresentam, buscando constantemente as luzes abundantes do Concílio.

O desenvolvimento destes temas ajudará na assimilação das grandes orientações do Magistério e das diretrizes da Congregação para viver hoje a nossa Profissão religiosa e para testemunhar aos jovens e ao povo do nosso tempo a peculiar mensagem da Escola evangélica de Dom Bosco.

Propósitos de santidade salesiana

Ultimamente na Itália alguns escritores criticaram como culturalmente superada a santidade de Dom Bosco; um até falou da necessidade de uma “antiagiografia” para restabelecer uma visão mais autêntica da mensagem do Evangelho de Cristo! Há quem fale e escreva sobre a santidade desconhecendo o espírito com o qual a viveu Dom Bosco, ou a confunde com determinadas atitudes culturais da época. Há, também, quem não conhece ou não atribui um diligente cuidado à Escola espiritual que se desenvolveu ao redor do nosso Pai e Fundador.

Penso que também estas críticas podem ser úteis, antes de mais nada para evitar uma certa mitologia agiográfica e para repensar com profundidade a essência mesma da santidade, que nunca se reduz a um simples moralismo e que é preciso cuidadosamente distinguir da roupagem cultural de seu tempo.

Estimulam-nos ainda a precisar com mais clareza a pluri-formidade presente historicamente nas modalidades concretas de

testemunhar a mensagem evangélica, individualizando os elementos permanentes da natureza própria do caminho evangélico traçado por Dom Bosco. Nós, com o auxílio do Espírito de Deus e protegidos maternalmente por Nossa Senhora Auxiliadora, nos dedicamos com seriedade, ao longo destes vinte anos de busca, a este delicado trabalho. Prova disso são os últimos três Capítulos gerais e o texto renovado das Constituições.

Numa sociedade em contínuo processo de secularização, onde a santidade parece estar sendo marginalizada como um resíduo do passado porque não teria mais valores a oferecer ao homem de uma cultura mais científica e técnica, o encontro para as celebrações em 1988 convida-nos a um compromisso fundamental: renovar para os novos tempos a Profissão salesiana!

Este compromisso comporta um tríplice propósito:

- reconsiderar com clareza a essência evangélica da santidade;
- individualizar os valores permanentes da índole própria do espírito de Dom Bosco;
- enfrentar metodologicamente o desafio de uma constante inculturação do carisma salesiano.

Este apelo para atualizar a santidade de Dom Bosco nos é dirigido pela própria Igreja, através dos seus Pastores do Vaticano II, das novas gerações de inumeráveis jovens que vêm em nossa Profissão religiosa "o dom mais precioso que podemos oferecer" à sua esperança⁸.

Conclusão

Queridos irmãos, a Relação final do Sínodo extraordinário dos Bispos afirma explicitamente que: "Nas circunstâncias mais difíceis para toda a história da Igreja, os santos e as santas sempre foram fonte e origem de renovação. Hoje temos muita necessidade de santos, graça esta que devemos continuamente implorar a Deus. Os Institutos de vida consagrada, mediante a profissão dos conselhos evangélicos devem estar conscientes da sua especial missão na Igreja de hoje, e nós devemos encorajá-los nesta sua missão"⁹.

⁸ cf. Constituições 25

⁹ "Relatio finalis" II, A, 4

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1. CAPÍTULOS INSPETORIAIS E VISITAS DE CONJUNTO

Pe. Gaetano SCRIVO

Vigário do Reitor-Mor

Na última sessão plenária o Conselho geral examinou e aprovou as deliberações dos Capítulos inspetoriais chegadas até o mês de julho (cf. Crônica n.º 4.2). No mesmo período outras Inspetorias mandaram e estão celebrando os seus Capítulos. Achou-se portanto oportuno que o Vigário do Reitor-Mor apresentasse nos Atos algumas considerações a este respeito. Poderão ser úteis, embora de modalidades diferentes, seja para as Inspetorias que já concluíram os trabalhos capitulares, seja para aquelas cujos Capítulos estão na fase de preparação ou de desenvolvimento.

1. O valor do Capítulo inspetorial

O art. 170 das Constituições, onde estão apresentados os elementos jurídicos, deve ser lido à luz do art. 58, que sublinha o significado da comunidade inspetorial, da qual são parte viva as comunidades locais.

O CGE já apontara qual “elemento básico da renovação da vida religiosa salesiana a *redescoberta e revalorização da comunidade inspetorial*. É com efeito através dela que se estabelece a união das comunidades locais entre si, com as outras Inspetorias e com a Congregação inteira” (CGE 512).

Partindo da reflexão do CGE, o nome “Inspetoria”, que indica uma circunscrição jurídica da nossa Sociedade (cf. Const. 156), foi enriquecido no novo texto constitucional com o valor da comunhão e tornou-se cada vez mais freqüente a expressão “*comunidade inspetorial*”, que promove as comunidades locais na comunhão fraterna e as sustenta na missão, coordena e avalia o trabalho apostólico, favorece a colaboração, anima a pastoral vocacional e o trabalho da formação, provê à continuidade das obras e se abre a novas atividades (cf. Const. 58).

O *Capítulo inspetorial*, neste contexto, é um momento privilegiado para viver e intensificar o sentido da pertença dos irmãos e das comunidades locais na comunidade inspetorial, ajudando-os a superar a visão limitada do próprio ambiente e da própria atividade e a abrir-se aos problemas gerais da Inspetoria.

Para que o Capítulo inspetorial alcance as suas finalidades é indispensável que os irmãos e as comunidades locais colaborem com vivo sentido de interesse na sua preparação e celebração, acolham com disponibilidade as conclusões e se comprometam em atuar as deliberações, uma vez aprovadas pelo Reitor-Mor.

O ritmo trienal do Capítulo inspetorial foi introduzido nas Constituições exatamente para oferecer aos irmãos e às comunidades uma mais ampla possibilidade de participação responsável na vida e na ação da comunidade inspetorial. Todavia não está afastado o risco que a frequência trienal se torne uma rotina, uma formalidade repetitiva sem uma significativa incidência no crescimento da vida religiosa e pastoral da Inspetoria. É um risco que pode ser superado somente se todos reconhecerem que a comunidade inspetorial é uma realidade viva em contínua construção e necessita portanto de momentos fortes, de estudo e de avaliação.

2. Autoridade do Capítulo inspetorial

Juridicamente o Capítulo inspetorial é a *assembleia representativa* dos irmãos das comunidades locais. Através da eleição local e inspetorial está garantida a presença proporcional das comunidades e de todos os sócios; desta maneira reflete-se nele o conjunto das atividades e das obras, das experiências e dos dons de toda a comunidade inspetorial.

Diversamente do Conselho inspetorial, o Capítulo inspetorial — a norma das Constituições — é um organismo colegial em que todos os membros exercem juntos, com igual direito, os legítimos poderes a ele demandados.

Com relação aos poderes dos Capítulos é bom lembrar que as Constituições, após ter definido a natureza do Capítulo geral (cf. Const. 146), afirmam — em obediência ao cân. 631 do CJC — que ele “tem na Sociedade a autoridade suprema e a exerce segundo as normas do direito” (Const. 147).

O Capítulo inspetorial no entanto não tem a autoridade suprema no território da Inspeção, porque as Constituições estabelecem determinadas tarefas para sua competência. Neste aspecto não é possível formular analogias entre Capítulo geral e Capítulo inspetorial.

Reconhece-se, porém, ao Capítulo inspetorial a autoridade de “deliberar” sobre o que concerne à Inspeção, salvo a competência conferida pelas Constituições e Regulamentos gerais a outros órgãos de governo e com a condição que suas deliberações “terão força obrigatória após a aprovação do Reitor-Mor com o consentimento do seu Conselho” (Const. 170).

As competências confiadas ao Capítulo inspetorial (cf. Const. 171) devem ser interpretadas e exercidas no respeito a estas duas condições. Um Capítulo inspetorial que deliberasse, por exemplo, sobre uma matéria de competência dos órgãos ordinários do governo inspetorial (o Inspetor com o seu Conselho) ultrapassaria os seus poderes. Não se trata de meras formalidades, mas de uma clara relação, definida nas Constituições, entre pessoas e organismos que têm o mandato de exercer o serviço de governo na nossa Sociedade. Em última análise é exatamente o bem das pessoas e da Congregação que requer esta divisão de competências.

3. Os Diretórios inspetoriais

Após as orientações dadas por encargo do Conselho geral e apresentadas no n.º 315 dos ACS, limito-me aqui a uma só reflexão.

Não devemos ver nos Diretórios inspetoriais uma proliferação de normas, mas sim *uma atuação dos princípios de subsidiariedade e de descentralização*, que estão estritamente vinculados aos valores da participação e da co-responsabilidade (cf. Const. 123-124).

Para favorecer concretamente estes valores as Constituições e os Regulamentos gerais outorgaram aos Capítulos inspetoriais a tarefa de aplicar às realidades locais os princípios e as normas da legislação geral, para tornar mais eficaz na comunidade inspetorial o compromisso de fidelidade à nossa Regra de vida.

Se for aceito em sua justa avaliação e atuado com responsabilidade, também o Diretório será um válido auxílio para a nossa consagração apostólica, para a verificação e aprofundamento da

nossa pastoral, para a formação inicial e permanente dos irmãos e para o crescimento da comunhão inspetorial.

4. Visitas de conjunto

Na última sessão foi também estabelecido o calendário das “visitas de conjunto”, que apresento aqui com algumas reflexões a respeito.

Data	Lugar	Região
1985		
8-11 novembro	Lyon-Francheville	EUROPA — Língua francesa
1986		
3-9 novembro	Nova Delhi	ÍNDIA
17-22 novembro	Bangkok	EXTREMO ORIENTE
1987		
17-19 fevereiro	Leusden	EUROPA — Holanda
20-22 fevereiro	Benediktbeuern	EUROPA — Língua Alemã
29 mar. — 4 ab.	Assunção	A. LATINA — Atlântico (1)
5-11 abril	Brasília	A. LATINA — Atlântico (2)
12-18 maio	Caracas	A. LATINA — Pacífico-Caribe
25-30 maio	Roma	ITALIA — ORIENTE MÉDIO
31 m. — 2 jun.	Roma	UPS
2-8 agosto	Fátima	IBÉRICA
8-13 setembro	New Rochelle	REGIÃO de Língua Inglesa
5-10 outubro	Varsóvia	POLÔNIA
13-15 novembro	Lublana	EUROPA — Iugoslávia

Durante o ano de 1988 está previsto um encontro para a **ÁFRICA**, com modalidades a serem determinadas, considerando sua particular situação.

Nota-se neste calendário a novidade de um ulterior aumento dos encontros (dos 10 do precedente sexênio a 13): isto para aprofundar melhor os problemas mais específicos das diferentes áreas e para favorecer uma maior participação dos Conselhos inspetoriais.

Estas Visitas de conjunto, à diferença dos Capítulos inspetoriais, não correspondem a uma norma constitucional, mas são uma iniciativa de animação do Reitor-Mor com o seu Conselho, de particular importância, inseridas nas tarefas confiadas ao Reitor-Mor pelo art. 126 das Constituições: “É sua principal solicitude promover, em comunhão com o Conselho geral, a constante fidelidade dos sócios ao carisma salesiano para cumprir a missão confiada pelo Senhor à nossa Sociedade”.

As finalidades a que estas Visitas de conjunto visam, são portanto:

- Construir constantemente *a unidade da Congregação*. Isto permite criar um conjunto comum de idéias sobre aspectos fundamentais da vida e da missão salesiana e ter uma relação equilibrada entre unidade e descentralização.
- Promover uma *eficaz animação e governo* nas Inspetorias, fortalecendo o sentido de co-responsabilidade dos Conselhos.
- Promover a *fidelidade ao carisma salesiano* para realizar a missão confiada por Deus à nossa Sociedade.
- Individualizar e estudar *os problemas que interessam o bem comum*.
- Promover a *comunhão das Inspetorias* com o Reitor-Mor e a união e a colaboração fraterna das Inspetorias entre si.

No contexto dos objetivos prioritários do atual sexênio serão escolhidos para as Visitas de conjunto os temas particulares e áreas de reflexão de cada grupo de Inspetorias.

Também se aos encontros participam só os Inspetores e os seus Conselhos, neles estão interessados todos os irmãos porque a avaliação e as orientações das Visitas de conjunto constituem uma chave de leitura das situações concretas e um ponto de referência para a missão confiada às comunidades inspetoriais.

Tudo isso, à luz também das celebrações de 1988, é para as comunidades e para os irmãos um estímulo e um intenso envolvimento na preparação destes momentos de reflexão e de constante renovação: o pedido de auxílio ao Espírito Santo e a participação às iniciativas inspetoriais assegurarão a eficácia apostólica das “Visitas” programadas.

2.2. PROJETO ÁFRICA: AVALIAÇÕES E ORIENTAÇÕES

Pe. Luc VAN LOOY

Conselheiro geral para as Missões

No ano de 1891 os Salesianos iniciaram a sua presença na África do Norte (Argélia e Tunísia).

No ano de 1896 encontramos-os na Cidade do Cabo, na África do Sul. No mesmo ano iniciaram também a escola em Alexandria do Egito.

Em 1907 os Salesianos marcavam sua presença em Moçambique e em 1911 começava a obra salesiana no Zaire.

São estes os inícios de uma presença que aos poucos se consolidaria, especialmente após o CG21 (1978), quando foi lançado o “Projeto África”, abrindo a Congregação para um novo e grande esforço salesiano no continente africano: após o CG21 muitas Inspetorias abriram novas obras e atividades em mais 19 nações da África!

O CG22 olhando o “Projeto África” que o Reitor-Mor definia “uma verdadeira graça de Deus e um apelo estimulante para um renovado dinamismo apostólico de toda a Família salesiana”, convidou a Congregação — através de um objetivo operacional — a avaliar e relançar o Projeto África como gesto concreto de sua predileção pelos jovens especialmente mais pobres (CG22, Documentos n.º 10).

Em resposta a esta orientação do CG22, o Conselho geral em sua última sessão plenária dedicou duas reuniões para uma reflexão de avaliação do nosso compromisso africano, de onde apareceram algumas orientações para o futuro.

Tendo presentes as indicações do Conselho geral, apresento nesta relação algumas considerações que acho úteis para a continuidade e a consolidação do “Projeto” iniciado.

A África, continente de jovens e seus questionamentos aos Salesianos

Um primeiro elemento que aparece nesta verificação é certamente a situação juvenil dos países da África, que nos questiona.

A percentagem das crianças e dos jovens é altíssima e em todos os lugares infelizmente existem sinais de graves males: a falta de trabalho, a procura do bem-estar e, por conseguinte, o olhar voltado para o Ocidente e as cidades, a manipulação dos governos que se aproveitam dos jovens para o exercício ou não de suas políticas: tudo isso leva a constatar que os jovens africanos não contam na sociedade.

A falta de escolas e o grande número daqueles que deixam os estudos multiplicam os problemas do tempo livre, que freqüentemente os jovens não conseguem ocupar utilmente.

Esta realidade juvenil convida nossas obras a um particular *estilo oratoriano!* E, de fato, para muitos irmãos a África significa uma redescoberta do Oratório, onde um contato aberto e amigo com os jovens cria um ambiente de família. As iniciativas de tipo oratoriano, o esporte, o teatro, as festas, atraem os jovens e mais facilmente os levam às atividades culturais e catequéticas. São vários os lugares onde os Salesianos instalaram no Oratório pequenas escolas de artes e ofícios.

Neste sentido os pedidos feitos pelas Igrejas africanas aos Salesianos são de vários tipos, mas podemos resumi-los nestas grandes áreas:

- o trabalho nas paróquias, com distritos missionários, seja em áreas urbanas, seja rurais;
- o vasto campo da educação da juventude, onde as necessidades se agrupam ao redor destas exigências:
 - formação profissional, capaz de oferecer aos jovens “uma capacitação profissional”,
 - formação e assistência pastoral a professores, catequistas e líderes,
 - educação primária e atividades de alfabetização.

As respostas dadas até agora pelos Salesianos fizeram descobrir um campo propício ao carisma salesiano. A formação profissional, a educação primária e a formação das lideranças, num

contexto de trabalho paroquial ou de centro juvenil, estimulam um envolvimento muito grande dos jovens e adultos, convidando muitos a colaborar nesta tarefa educativo-pastoral para o desenvolvimento do próprio povo.

A organização e o incentivo destas nossas atividades trazem consigo a necessidade de trabalhar em equipe, de formar bem os colaboradores e de procurar os caminhos e as melhores maneiras para encarnar a mensagem evangélica no espírito de Dom Bosco.

Uma indicação emerge de tudo isso: *a indispensável qualificação dos irmãos no campo da pastoral juvenil e da espiritualidade salesiana.*

Os Salesianos na África

No mês de julho de 1986 enumeram-se na África 572 Salesianos, dos quais 402 sacerdotes, 91 coadjutores, 62 estudantes e 17 noviços. Quatro são os Noviciados já em funcionamento: Etiópia, Lesoto, Moçambique e Zaire.

Com relação às presenças, encontramos-nos em 109 comunidades com uma grande variedade de obras: 62 paróquias, 52 oratórios-centros juvenis, 30 centros profissionais, 24 escolas (primárias e secundárias), 10 internatos, 3 escolas agrícolas... É uma realidade em expansão: 11 novas comunidades foram fundadas só em 1986!

Também os centros vocacionais e formativos estão crescendo: são 5 os aspirantados e em vários países estão-se preparando alguns jovens à vida salesiana. Existe uma comunidade formadora em Kansebula (Zaire) com jovens salesianos de sete nações africanas; para a Teologia temos uma comunidade internacional em Nairobi e estamos preparando um novo Teologado internacional em Lubumbashi (Zaire).

Como se pode perceber, estamos nos aproximando daquilo que Dom Bosco viu no sonho de Barcelona (1886): desde Santiago ao centro da África 10 centros de estudos e noviciado e outros 10 desde o centro da África até Pequim (cf. MB XVIII, 71ss.). Esta visão tinha a finalidade de apresentar a Dom Bosco "uma idéia exata daquilo que devem fazer os Salesianos".

A Congregação está aprendendo

A avaliação destes anos nos fez constatar como o generoso trabalho dos Salesianos e ao mesmo tempo o contato com os colaboradores e jovens de tantos países ofereceu a oportunidade para conhecer melhor a realidade africana. Vemos que o “Projeto” não é só um movimento “Norte-Sul”; percebemos que o modelo de Igreja, a hospitalidade, o espírito de comunidade, o sentido religioso e o compromisso dos leigos na Igreja africana nos oferecem muitas coisas para aprender e renovar.

Os missionários experimentam que os critérios operacionais do homem africano são diferentes dos modelos difundidos pela sociedade ocidental. Para o homem africano *a relação humana vale mais do que a eficiência!*

Os jovens africanos, em particular, nos fazem lembrar a Dom Bosco e com sua simpatia, criatividade e espontaneidade nos ensinam a amizade, a entrega de si e a alegria.

O estilo africano nos ajuda a “viver com” os jovens, a estabelecer uma relação humana capaz de criar uma presença educativa aberta à evangelização.

Os missionários sabem que é necessário *encontrar o equilíbrio* entre os diferentes elementos culturais, religiosos e sociais, para inculturar a mensagem do Evangelho e para fazer funcionar o Sistema Preventivo.

Inculturação

Um dos problemas que necessariamente aparecem na avaliação da ação missionária é o da *inculturação*. Os missionários inserem-se no ambiente, identificam-se com as pessoas, participam da vida do povo e da Igreja. Vêem e julgam as situações cada vez mais com mentalidade africana. A vida com os jovens, de maneira especial, ajuda a penetrar a alma do povo, a apreender um modelo de trabalho “africano” na implantação das obras e na pastoral.

Como escrevia o Reitor-Mor, com o Projeto África estamos dando uma fisionomia “africana” ao carisma de Dom Bosco! Sente-se que também a programação deve sempre mais partir

dos africanos: assim cresce a responsabilidade dos próprios missionários.

Para ajudar este processo de inculturação, notou-se, entre outras coisas, a oportunidade de caminhar em direção a comunidades “internacionais”. Nos inícios a comunidade só “nacional” teve suas vantagens para um começo unitário e bem definido. Porém, com o crescimento do Projeto é preciso caminhar em direção à integração dos irmãos africanos e à abertura das comunidades para irmãos de diferentes proveniências. A integração, na verdade, é mais fácil onde o centro de unidade pastoral e comunitária é o próprio ambiente onde os irmãos vivem.

A inculturação exprime-se na língua, na mentalidade, na cultura, na religião, nos costumes. Ora, uma comunidade internacional permite uma maior riqueza, colocando à disposição das pessoas a variedade das culturas nativas dos seus membros e permitindo realizar a unidade dos diferentes modelos, participando intensamente da vida do povo.

Como orientação, enquanto se reconhece o papel essencial que continuam a desenvolver as Inspetorias de origem, percebe-se a oportunidade que as comunidades se predisponham aos poucos em aceitar irmãos de diferentes nacionalidades.

A inculturação exige também *que se considere a língua comum do lugar como língua comunitária*

Comunidade

Um aspecto que o Projeto África evidenciou é o fato de os irmãos estarem aprendendo a viver em pequenas comunidades, abertas às exigências da criatividade na fidelidade.

Enquanto muitos dos missionários estavam acostumados a viver em estruturas existentes desde muitos anos, que tinham uma própria história e um estilo próprio, as novas iniciativas em terras africanas os colocaram em lugares “de fronteira”, ao lado de um outro irmão para “fundar”, isto é, criar uma obra ou uma atividade.

Se antes raramente tomavam decisões importantes, agora percebem que suas decisões muitas vezes determinam o futuro da obra e da própria presença salesiana.

Enquanto nas Inspetorias de origem os irmãos freqüentemente viviam em comunidades numerosas, agora encontram-se somente com dois ou três, com os quais dividem tudo e juntos elaboram os projetos para o futuro.

Tudo isso põe em evidência a importância fundamental da comunidade para o próprio sucesso do Projeto África.

Nessas comunidades é de importância fundamental a figura do Diretor: nem sempre se tem a possibilidade de conversar com o Inspetor, por causa das grandes distâncias, por isso o Diretor é chamado, mais do que nas comunidades normais, a ser “guia no discernimento pastoral” (cf. Const. 44) considerando a cultura local e as orientações das Igrejas particulares.

Vida espiritual

As necessidades imediatas do povo e as preocupações pelos inícios da obra, seja em nível de orientação pastoral, seja de organização material, levam o missionário a responder às necessidades sem medir tempo e energias. Não é irreal o risco de deixar-se levar por “formas de ativismo”, ao ponto de as necessidades da ação impedirem sentir e viver a intimidade com Deus.

Deve-se ainda notar que as novidades do ambiente e da cultura, que incidem sobre o mesmo estilo de oração, requerem uma adaptação que não pode ficar numa dimensão superficial.

Uma orientação que deve ser atentamente vivida é, portanto, a de “reavivar constantemente a consciência divina da própria atividade” (cf. Const. 85), cuidando profundamente da própria vida espiritual.

É muito oportuno que as comunidades mais próximas programem juntas momentos fortes de vida espiritual, retiros etc.

Coordenação

As presenças salesianas na África, como vimos, estão se firmando e se desenvolvendo. Ora, à medida que o “Projeto” cresce, sente-se uma necessidade peculiar, a da “coordenação”.

Exatamente com vistas a esta perspectiva durante o mês de maio p.p., tivemos dois encontros internacionais — um em Nairobi

e outro em Libreville — sobre a pastoral juvenil na África. Nestas ocasiões encontraram-se juntos os mais “velhos” e os mais “novos” missionários da África para uma avaliação, uma troca de experiências e para se orientarem com vistas ao futuro.

É preciso multiplicar as iniciativas de encontro: não só com encontros continentais, mas muito mais através de reuniões de planejamento, de consulta e de animação em nível de comunidades mais próximas que fortalecem a presença salesiana.

Exatamente com vistas a uma mais eficaz coordenação tornam-se oportunas algumas linhas de orientação:

- *Para a programação pastoral e comunitária, para a formação permanente, para a pastoral vocacional etc... as comunidades que trabalham próximas umas das outras, também se pertencentes a diferentes Inspetorias, encontram-se regularmente.*
- *Também em nível de Inspetorias e Conselhos inspetoriais, que têm comunidades num país da África juntamente com outras Inspetorias, busque-se realizar uma programação em conjunto, planejando juntos o futuro e facilitando a troca de pessoal entre as diferentes comunidades.*
- *Estude-se ainda a possibilidade de cada região ou país ter um “responsável”, representante da Congregação perante a Igreja local, a quem os irmãos possam recorrer.*
- *Pensa-se criar oportunamente estruturas jurídicas de acordo com as possibilidades.*

É claro que tudo isso não liberta das responsabilidades que cada Inspetoria tem no acompanhamento e na sustentação das presenças missionárias já iniciadas, estimulando o envolvimento dos irmãos e de toda a Família Salesiana.

Novos horizontes

Após estes anos de “fundações” e de incrementos das presenças africanas, o mais imediato compromisso é sobretudo o de *consolidar e aprofundar* aquelas obras maravilhosas, que estão crescendo, contribuindo para formar comunidades sólidas, capazes de animar comunidades cristãs fortes e grupos juvenis ricos de futuro.

Não pára, porém, o interesse diante das necessidades urgentes. Nesta perspectiva estão exatamente em projeto duas novas fundações para este final de ano. Os irmãos da região Pacífico-Caribe irão para a Guiné (Conacri), enquanto as Inspetorias dos Estados Unidos assumirão uma obra na Serra Leoa. Também os irmãos das Inspetorias da Polônia estão estudando a possibilidade de abrir uma obra em Uganda.

Enquanto continuam a chegar muitos pedidos, está-se reforçando a *orientação prioritária na consolidação das presenças que já temos, pensando dar mais consistência às comunidades já estabelecidas.*

Necessidade de missionários

O Projeto África está dando à Congregação uma grande força, mas requer um esforço de todos. A generosidade dos irmãos continuará a dar frutos neste maravilhoso trabalho!

Existe uma necessidade renovada de pastores e de educadores, professores nas escolas primárias, marceneiros, tipógrafos, mecânicos etc. Mas a missão precisa sobretudo de *Salesianos com um grande espírito de dedicação e de comunhão*, capazes de implantar comunidades cristãs, abertas às culturas, à mentalidade e à vida diferentes das suas; numa palavra, existe a necessidade de pessoas com “vocação missionária”.

Conclusão

A Igreja que está na África sente viva a preocupação pela juventude na difícil situação em que se encontra, mas nem sempre consegue encontrar as forças para dar uma resposta que, superando os obstáculos dos regimes e das ideologias, atraia os jovens à “boa nova” de Jesus Cristo!

Nós salesianos, com a nossa presença, queremos oferecer à Igreja da África a riqueza do carisma e do sistema educativo de Dom Bosco. Por isso nos esforçamos para ser, como Dom Bosco, missionários cheios de bondade, crescendo cada vez mais na disponibilidade do “da mihi animas”.

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

NOVA EDIÇÃO DO NECROLÓGIO SALESIANO

O Secretário geral

Um dever lembrado em nossas Regras, seja para as comunidades, seja para cada um dos sócios, é o constante sufrágio pelos nossos irmãos falecidos: o art. 54 das Constituições apresenta esta lembrança na fraternidade da comunhão, vivida em espírito de família, assim que os irmãos que descansam em Cristo estão unidos conosco na *“caridade que não passa”*; o art. 94 também considera os irmãos defuntos à luz de Cristo ressuscitado e estimula o nosso sincero sufrágio ao mesmo tempo que nos incentiva ao compromisso de continuar fielmente aquela missão pela qual eles trabalharam e sofreram.

Para uma comunidade salesiana a memória dos irmãos chamados à eternidade faz parte essencial do mistério que ela vive cada dia: ela sabe, de fato, que não nasceu “apenas de projeto humano”, mas foi fundada por iniciativa do amor gratuito de Deus (cf. Const. 1); sabe ter sido chamada para levar aos homens, sobretudo aos jovens, a salvação de Cristo, a ser “sinal da força da ressurreição”, testemunho profético dos “novos céus e nova terra” (cf. Const. 63). Este mistério une de maneira toda especial a comunidade peregrinante com os irmãos que vivem totalmente envolvidos na luz de Deus, que participam da plenitude da ressurreição e iluminam com a esperança a nossa caminhada aqui sobre a terra.

Quanto mais a comunidade vive com fidelidade o ardor apostólico do “da mihi animas”, tanto mais sente a exigência de intensificar a comunhão com os Santos: com Dom Bosco e os santos da nossa família, mas também com a grande multidão daqueles que seguiram a Dom Bosco e continuaram a fortalecer a Congregação. As Constituições, também, nos dizem que este é igualmente um dever de gratidão (cf. Const. 94)!

Perguntemo-nos: como concretamente nos lembramos dos nossos mortos, nós que tão facilmente esquecemos?

Os Regulamentos gerais estabelecem um meio simples, muito prático, que é um sinal familiar de lembrança profunda e perene:

trata-se da *leitura cotidiana do Necrológio*. Afirma de fato o art. 47 dos Regulamentos: “*Cada Comunidade, em sinal de comunhão com os irmãos falecidos, tenha deles uma lembrança especial e estabeleça o momento mais oportuno para a leitura cotidiana do necrológio numa prática comunitária*”.

Compreende-se facilmente o significado que o Necrológio tem para a comunidade salesiana: é um “livro de família”, que nos lembra continuamente o amor que Deus e a Auxiliadora derramam sobre a nossa Sociedade através do presente de tantos irmãos, que seguiram e imitaram a Dom Bosco, continuando a missão e transmitindo-a a nós. É para nós um meio de lembrarmos deles, agradecendo e rezando!

Para ter um instrumento atualizado e válido, cuidou-se em publicar uma *nova edição do Necrológico*, que substitui a de 1973 e que inclui todos os Salesianos defuntos desde as origens da Congregação até 1986 (com os nomes publicados neste n.º 319 da ACS). A nova edição é fruto de um paciente trabalho de revisão e de organização dos dados, realizado por vários irmãos da Secretaria geral e coordenado pelo Pe. Adalberto Paszenda, a quem agradecemos sinceramente.

Na apresentação da edição renovada estão assinaladas as principais novidades. Em particular:

- a revisão dos “*sobrenomes*” (nomes de família) que foram escritos de acordo com o uso corrente dos países a que pertenciam os irmãos (indicando portanto também o sobrenome materno, além do paterno, onde isso é comum);
- a revisão dos “*nomes de batismo*”, que foram transcritos, na medida do possível, na língua do país de origem dos irmãos;
- uma diferente organização, mais simples e ágil, da lista diária dos defuntos;
- um novo e completo *Índice alfabético* de todos os irmãos falecidos.

Além dessas novidades que podemos considerar redacionais, interessa realçar sobretudo a *nova organização dos irmãos falecidos para cada dia do ano*, que reflete novos critérios para a leitura cotidiana do Necrológio nas comunidades. Observando dia por dia, pode-se de fato ver que a *lista dos irmãos defuntos*

está organizada rigorosamente em ordem cronológica ascendente, sem dividi-la por grupos de Inspetorias ou "regiões lingüísticas", como tínhamos na anterior edição de 1973. Este novo critério foi adotado para responder ao princípio de descentralização (Const. 124) e para deixar às Inspetorias uma maior responsabilidade na determinação das modalidades de leitura comunitária do Necrológio.

Com estas indicações, para a leitura cotidiana do Necrológio, de acordo com o art. 47 dos Regulamentos, seguiremos estas normas:

- a) *na edição típica do Necrológio, válida em nível universal, estão assinalados com um asterisco (*) os nomes dos Servos de Deus, dos Superiores do Conselho geral, dos Bispos, Prefeitos apostólicos e Prelados: destes fazer-se-á a menção em toda a Congregação;*
- b) *cada Inspetoria, ainda (com indicação do Inspetor com o seu Conselho, atendendo a eventuais orientações das Conferências inspetoriais) marcará com um asterisco (*) os irmãos que serão lembrados em cada uma das casas da Inspetoria (irmãos da Inspetoria, que trabalharam nela, que se conhecem etc...);*
- c) *é claro que, além da leitura dos nomes assinalados, a memória estende-se a todos os irmãos da Congregação. Nada impede que seja lida dia por dia a lista inteira dos defuntos elencados naquela data.*

A apresentação da edição renovada do Necrológio com as novas normas para a leitura comunitária do mesmo nas Inspetorias e nas Casas seja para todos uma ocasião para renovar o sentido de pertença e de amor para com a nossa Família espiritual, no nome de Dom Bosco e de tantos nossos irmãos.

A memória dos nossos mortos seja para nós cada dia um estímulo para continuar com fidelidade a missão que nos foi confiada (cf. Const. 94).

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Os meses de junho e julho ocuparam o Reitor-Mor na quarta sessão plenária do Conselho geral, no encontro para novos inspetores e nas atividades normais de animação. Fez uma pausa entre os dias 20 e 22 de junho para realizar em Munique (Alemanha) uma visita fraterna aos irmãos daquela Inspeção.

Tomou também contato com vários cursos de Formação permanente: o das Inspeções alemãs e austríacas, o das Inspeções da Bélgica-norte e Holanda, e da Região Itália-Oriente Médio.

Entre os dias 23 e 25 de julho participou da peregrinação dos 750 jovens do "Campobosco Nacional 1986", encontrando-se com eles em Valdocco: foi esta uma iniciativa muito interessante dos Salesianos e das FMA e dos jovens da Espanha, que entenderam — de maneira original — "retribuir" a visita feita por Dom Bosco à sua terra cem anos atrás!

No dia 5 de agosto o Reitor-Mor deixava novamente Roma para estar na Lombardia onde se encontrou com SDB e FMA. Em particular, no dia 6 de agosto, participou das primeiras profissões das FMA no Noviciado de Contra di Missaglia.

No dia 30 de agosto esteve na cidade de Bolonha onde, com vários de seus colegas de Noviciado, celebrou os 50 anos de sua Profissão religiosa.

No dia 1.º de setembro, memória de S. Egidio, a data do 50.º aniversário da Profissão foi comemorada na intimidade da Casa generalícia.

No dia seguinte, 2 de setembro, o Reitor-Mor partia para uma nova viagem. Desta vez para a América Latina: no programa as visitas à Colômbia, Equador e Brasil.

4.2. Crônica do Conselho geral

No dia 3 de junho de 1986 todos os Conselheiros, vindos alguns das visitas às Inspeções, outros dos trabalhos nos Dicasterios, reencontraram-se novamente para o trabalho de conjunto: às 11:00h teve início a sessão plenária do Conselho geral, que terminaria no dia 23 de julho, após um intenso trabalho articulado em 34 reuniões plenárias.

Como acontece normalmente, um número de reuniões foi dedicado aos compromissos chamados de "ordinária administração": exame de assuntos das Inspeções, nomeação de membros dos Conselhos inspetoriais e aprovação das nomeações dos Diretores, abertura e ereção de novas Casas (11 novas fundações erigidas durante essa sessão), problemas particulares dos irmãos etc.

Todavia os temas e os problemas que mais ocuparam o Conselho foram aqueles relativos à animação das Inspeções e de toda a Congregação, através de avaliações e orientações, como resposta às disposições constitucionais e às prioridades estabelecidas para este período.

Apresentamos aqui, para o conhecimento dos irmãos, um rápido esboço dos mais importantes argumentos que interessaram as reflexões do Conselho.

1. *Nomeação dos Inspetores*: é esta uma das tarefas de maior responsabilidade do Conselho: como sempre foram estudadas com seriedade as consultas realizadas nas Inspetorias, bem como as situações e as necessidades de cada uma delas, para escolher animadores capazes de guiar as comunidades na fidelidade a Dom Bosco e à missão salesiana. Neste sentido o Conselho deu seu voto na nomeação de seis novos Inspetores (cf. n.º 5.5. deste número dos ACS).

2. *Relações das Visitas extraordinárias*: após a apresentação dos respectivos Conselheiros regionais, foram atentamente examinadas as relações das Visitas extraordinárias realizadas nas seguintes Inspetorias: Brasil-Porto Alegre, Japão, Irlanda, Itália-Sicília, México-México, Peru, Polónia-Pila, Espanha-Barcelona. Também foram examinadas as relações das visitas realizadas nas Visitadorias da Coréia e da Universidade Pontifícia Salesiana (esta última realizada pelo Pe. Paolo Natali). O exame das relações e a reflexão do Conselho trouxe uma série de indicações que foram transmitidas pelo Reitor-Mor a cada um dos Inspetores e respectivos Conselhos.

3. *Aprovação dos Diretórios e das Deliberações dos Capítulos inspetoriais*: a sessão do Conselho também foi dedicada ao exame dos documentos dos Capítulos inspetoriais realizados nos primeiros meses de 1986. Os documentos, em particular os Diretórios inspetoriais, foram estudados antes por cada um dos Conselheiros dos Dicastérios e em seguida no colegiado. Obedecendo ao art. 170 das Constituições foram tomados em consideração os Capítulos das seguintes Inspetorias: África Central, Filipinas, França-Lyon, França-Paris, Alemanha-Munique, Alemanha-Colónia, Grã-Bretanha, Hong Kong,

Irlanda, Polónia-Pila, Polónia-Wroclaw, Espanha-Barcelona, Espanha-Bilbao. Foi também aprovado o Diretório da Casa generalícia de Roma.

4. *Família salesiana*. Com relação à Família salesiana o Conselho reservou a ela dois momentos particularmente significativos:

— uma aprofundada reflexão sobre a *Associação dos Cooperadores salesianos*, após a aprovação e promulgação do novo “Regulamento de vida apostólica” e a especial carta do Reitor-Mor (cf. ACG n.º 318), para encontrar caminhos e meios com vistas a mais intensa animação em nível central e inspetorial;

— o exame do pedido para o reconhecimento da pertença à Família Salesiana do Instituto das “Irmãs missionárias de N. Senhora Auxiliadora” de Shillong (cf. n.º 5.3. deste número dos ACS).

5. *“Núcleo comum” e “Manual de oração da comunidade salesiana”*. O Conselho examinou um primeiro esboço de material para a elaboração do “Núcleo comum” e para o “Manual de oração da comunidade salesiana”, previsto pelo art. 77 dos Regulamentos, preparado por uma Comissão especial nomeada pelo Conselheiro para a Formação. Foram dados critérios e normas para uma rápida conclusão do trabalho.

6. *“Projeto África”*. Com relação ao trabalho missionário e à luz da clara orientação do CG 22 a esse respeito, dedicou-se um tempo para uma cuidadosa avaliação do “Projeto África” após a fase inicial (ainda não totalmente concluída) e traçar orientações para consolidar as presenças e continuar com vigor no caminho empreendido. O Conselheiro para as Missões neste número dos ACG apresenta algumas

indicações sobre o tema (cf. n.º 2.2).

7. *Voluntariado e missão salesiana*: é um tema de grande atualidade e que pode ser particularmente fecundo em nossa ação educativo-pastoral. O Conselho teve um primeiro contato sobre o assunto, para uma informação essencial, propondo-se aprofundar o tema e traçar orientações numa próxima sessão.

8. *Órgãos de informação salesiana*. Por instância do Conselheiro para a comunicação social, foram examinados os atuais órgãos ao serviço da informação, sobretudo entre o centro e a periferia (em particular a Sala de Imprensa, ANS e órgãos anexos). Chegou-se a um esclarecimento e a uma proposta de reestruturação de alguns serviços.

9. *Relação informativa sobre o DB/88*. Como nas anteriores ses-

sões, examinou-se o trabalho das Comissões (central e inspetorias) que preparam o centenário de 1988, esclarecendo alguns trabalhos de caráter universal.

Não se deve esquecer que durante a sessão, nos primeiros dez dias de julho, realizou-se um encontro com os "novos inspetores", que puderam dialogar e encontrar-se com todos os Conselheiros e com os encarregados dos Dicastérios, para uma melhor animação das suas Inspetorias.

A sessão foi enriquecida pela oração e a fraternidade. Lembremos de maneira especial o dia de "retiro espiritual" (5 de julho) que o Conselho passou na Casa de encontro anexa ao Noviciado das FMA em Castel Gandolfo; dia que se concluiu com a celebração eucarística e com uma verdadeira confraternização juntamente com as noviças salesianas.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. Decreto da Congregação para as causas dos Santos sobre a heroicidade das virtudes da Serva de Deus LAURA VICUÑA, aluna do Instituto das FMA

Transcrevemos a tradução do Decreto da Congregação para as causas dos Santos sobre a heroicidade das virtudes da Serva de Deus LAURA VICUÑA.

“Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando” (Jo 15,14). Estas palavras do Salvador constituíram em todos os tempos a norma segura de orientação da vida dos santos, verdadeiros amigos de Deus, sempre prontos a realizar o Seu querer e desejosos de corresponder à Sua máxima entrega de amor com o oferecimento de todo o seu ser.

É o ideal de total doação que iluminou em todos os tempos também almas generosas de jovens, impulsionando-os para os cumes do heroísmo, capazes de impressionar também pessoas de idade mais madura.

A esta lista de jovens fortes, que rapidamente e com coragem chegaram ao heroísmo das virtudes cristãs vivendo na intensidade de poucos anos “tempora multa” (Sb 4,13), deve-se inscrever a jovem Laura Vicuña, cuja existência simples e particularmente rica de méritos completa-se num arco de 12 anos, 9 meses e 17 dias.

Filha primogênita de José Dominico Vicuña, militar, e de Maria Mercedes Piño, a Serva de Deus nasceu aos 5 de abril de 1891 em Santiago do Chile, num dos tempos mais crí-

ticos da história nacional. Batizada no dia 24 de maio do mesmo ano com o nome de Laura del Carmen, a criança iniciou com a família uma penosa odisséia de exílios antes em Temuco, onde dois anos mais tarde nasceria a irmãzinha Amanda e, a um intervalo de poucos meses faleceria o pai, vítima de uma pneumonia (ano de 1893).

Em seguida a mãe decidiu atravessar os Andes, na esperança de encontrar meios para a educação das filhas. Após algumas andanças em território argentino, no ano de 1900 estabeleceu-se nas cercanias de Junín de los Andes. Aqui a Serva de Deus foi aluna interna do incipiente colégio feminino das FMA, onde freqüentou com alegria o caminho da santidade. As muitas adversidades da infância não conseguiram alterar seu caráter afável, sereno e alegre, nem sua natural inclinação ao bem. Aliás, desde o início de sua vida colegial revelou uma maturidade e um critério superiores à sua idade, e também uma singular disposição à piedade. O seu coração simples e puro encontrava paz nas “coisas de Deus”; e revelou desde o começo uma religiosidade sincera e sólida, sem afetação ou exageros.

Com grande devoção preparou-se para a primeira Comunhão estudando com interesse o catecismo e esforçando-se para viver o que aprendia. Esboçou um detalhado programa de vida através da prática de todas as virtudes. A partir desta data, ainda mais obediente e respeitosa para com as Superiores, aberta à amizade e solícita em ajudar as companheiras, comportava-se com constante fervor nas práticas de piedade, privilegiando o exercício da presença de Deus. No

dia 2 de junho de 1901 pôde finalmente receber a primeira Comunhão com grande alegria no coração: esse dia reveste-se de uma notável importância na trajetória de sua breve existência. Imitando Domingos Sávio, do qual ouvira falar no colégio e por quem tinha uma particular veneração, fixou três pontos aos quais ater-se-á com amadurecida perseverança:

1. Meu Deus, quero amar-Vos e servir-Vos por toda a vida; por isso entrego-Vos minh'alma, meu coração e todo o meu ser.

2. Quero morrer antes que ofender-Vos com o pecado; por isso procurarei mortificar-me de tudo aquilo que me afasta de Vós.

3. Quero fazer quanto sei e posso para que Vós sejais conhecido e amado, e para reparar as ofensas que recebeis todos os dias dos homens, especialmente das pessoas de minha família.

"Meu Deus, dai-me uma vida de amor, de mortificação, de sacrifício".

Dom Bosco Santo afirmara: a primeira Comunhão bem feita constitui um alicerce sólido para toda a vida cristã. Assim aconteceu para a Serva de Deus.

Desde então, quase antevendo a liberdade da própria vida, se esforçou com mais intensidade para fazer frutificar os talentos recebidos de Deus, e, quase impelida por um irresistível e dulcíssimo desejo de perfeição, fez grandes progressos na imitação de Cristo, sempre mais ardorosa em conhecê-lo e amá-lo de todo coração, com todas as suas forças de inteligência e de alma (cf. Mc 12,32).

Para corresponder plenamente à graça divina prestava a máxima atenção à Palavra de Deus e praticava uma dócil obediência às Su-

perioras, enquanto dedicava-se com constância à oração pessoal, à adoração eucarística e ao amor ao Coração de Jesus e à Virgem Maria.

Todo dia alimentava-se com vivo fervor do Pão eucarístico e aproximava-se com frequência do Sacramento da Reconciliação. Na escola era diligentíssima aos seus deveres; disponível para todo trabalho, com bondade e sincera gentileza para com as colegas; com a irmã era atenciosa e paciente; pronta a perdoar, respeitosa e humilde com todos.

No dia 8 de dezembro de 1901 foi aceita na Associação das Filhas de Maria, e a 29 de março de 1902 recebia o Sacramento da Confirmação das mãos do Em.^{mo} Sr. Cardeal João Cagliero. No mesmo ano fez o pedido para ser aceita entre as postulantes do Instituto das FMA. Não foi aceita, mas obteve poder professar privadamente os votos de pobreza, castidade e obediência, para se assemelhar mais a Jesus e Maria.

"Quero ser toda vossa, Jesus, também se terei que permanecer no mundo": esta foi a oração da Serva de Deus. De seu espírito de abnegação generosa puderam ter diferentes provas as educadoras e as companheiras, apesar de seu cuidado em ocultar discretamente a continuidade das mortificações cotidianamente aceitas, e também procuradas e inventadas com amor industrioso.

Afastou lisonjas, insídias, ameaças e também pancadas de quem atentou repetidas vezes contra sua pureza: chegou a tal ponto de amor a Deus e de fortaleza cristã que estava disposta a perder a vida terrena para conservar intacta a sua coroa celestial (cf. Mt 10,28).

Para cooperar na propagação da fé, na conversão dos pecadores e

na salvação das almas rezava fervorosamente e de coração oferecia a Deus penitências e renúncias. Querendo participar ativamente na missão salvadora da Igreja, esforçava-se para ser santa: vivia com perfeição as promessas do Batismo e os seus compromissos da Crisma, combatia o pecado e continuava a desejar ser um dia missionária.

Muito sofreu e muito rezou para a conversão da mãe. Para obter esta graça, com a permissão do confessor Pe. Augusto Crestanello, no dia 13 de abril de 1902 ofereceu a Deus a própria vida; desde então sua saúde foi se esvanecendo rapidamente. Durante a longa doença ofereceu exemplos maravilhosos de perfeita adesão à vontade de Deus, de paciência, de fortaleza e de ardentíssimo desejo do Paraíso. Morreu piedosamente a 22 de janeiro de 1904, murmurando: "Obrigada, Jesus, Maria! Agora morro feliz": o grão de trigo caía na terra (cf. Jo 12,24) com a certeza que o seu oferecimento fora aceito por Deus e teria dado os frutos desejados. Assim de fato aconteceu.

A fama de santidade, que já durante a vida adquirira, cresceu muito após sua morte. Em 1955 realizou-se junto à Cúria diocesana de Viedma o Processo Ordinário informativo, ao qual seguiu em 1956 o Processo Rogatorial em Turim.

A 27 de abril de 1960 foi emanado o Decreto sobre os poucos escritos da Serva de Deus. Introduzida a Causa a 25 de fevereiro de 1982, a 5 de outubro do mesmo ano foram publicados os decretos sobre o "não culto" e a 13 de dezembro de 1985 o da validade dos processos. No peculiar Congresso do dia 18 de dezembro de 1985 os teólogos Consultores reconheceram o exercício heróico das virtudes por parte da Serva de Deus.

Também os Padres Cardeais e os Bispos na Congregação ordinária de 8 de abril de 1986, sendo relator o Em.^{mo} Cardeal Agnelo Rossi, declararam que a Serva de Deus cultivou em grau heróico as virtudes teológicas e aquelas a elas conexas.

Em seguida, feita relação de tudo ao Sumo Pontífice João Paulo II por mim, Cardeal Prefeito, Sua Santidade de boa vontade aceitou o parecer da Congregação para as Causas dos Santos e ordenou que fosse apresentado o regular Decreto sobre as virtudes heróicas da Serva de Deus.

Cumprido isto, convocados em data de hoje os Cardeais, eu Prefeito e o Relator, eu mesmo Bispo Secretário da Congregação, e todos aqueles que deviam ser convocados, em nossa presença o Santo Padre declarou "constarem as virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade para com Deus e o próximo, como também das virtudes cardeais da Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza e daquelas a elas conexas, da Serva de Deus Laura Vicuña, em grau heróico, no caso e para finalidade de que se trata".

Dado em Roma a 5 de junho do Ano do Senhor 1986.

† Pedro Card. Palazzini, Prefeito

† Trajano Crisan, Arcebispo titular de Drivasto, Secretário

5.2. Convênio entre Salesianos de Dom Bosco e Filhas de Maria Auxiliadora para a animação dos Cooperadores Salesianos

Reproduzimos o "Convênio" assinado entre o Reitor-Mor dos Salesianos de Dom Bosco e a Superiora das Filhas de Maria Auxiliadora,

após a promulgação do novo "Regulamento de vida apostólica" para animar conjunta e fecundamente a Associação dos Cooperadores Salesianos.

O REITOR-MOR DOS SALESIANOS,
Pe. Egídio Viganó
e a
SUPERIORA GERAL DAS FMA,
Madre Marinella Castagno

— considerando que na Igreja a "ASSOCIAÇÃO COOPERADORES SALESIANOS está aprovada pela Sé Apostólica como Associação pública de fiéis e participa do patrimônio espiritual da Sociedade de S. Francisco de Sales" (RVA 6 § 1; cf. cân. 303);

— considerando que "a Associação dos Cooperadores é um dos grupos da Família Salesiana. Juntamente com a Sociedade de São Francisco de Sales e o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora... é portadora da vocação comum e é co-responsável pela validade do projeto de Dom Bosco no mundo" (RVA 5);

— considerando o art. 25 § 1 do Regulamento de Vida Apostólica da Associação dos Cooperadores Salesianos, que diz: "Laços especiais unem os Cooperadores às Filhas de Maria Auxiliadora que, através das Delegadas, animam os Centros fundados junto de suas obras. Esta animação, análoga a dos Delegados salesianos, está regulamentada por um Governo assinado entre o Reitor-Mor e a Madre Geral das FMA":

ESTABELECEM:

Art. 1 § 1. Respeitando as Constituições e os Regulamentos próprios, os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora, conscientes da sua responsabilidade, comprometem-se em observar o *Regulamento*

de Vida Apostólica da Associação Cooperadores Salesianos em tudo aquilo que for da respectiva competência e nos limites estabelecidos pelo próprio Regulamento.

§ 2. Nesta tarefa eles contam especialmente com os Conselhos locais e inspetorias dos Cooperadores, que devem dirigir colegialmente a Associação nesses níveis (RVA 43 § 1). Como, ainda, na organização dos vários Centros locais a Associação se apóia sobre a "realidade estrutural da Inspeção dos Salesianos" (RVA 42 § 1), reconhece-se ao Inspetor aquele que torna presente o ministério do Reitor-Mor nos serviços de "animação, de guia e de promoção" (RVA 23 § 3 e 42 § 2).

Art. 2. A fusão de um Centro local que está unido a uma obra das FMA com um Centro local unido a uma obra dos SDB, ou vice-versa, exige o consentimento do Inspetor e da Inspetora respectivos, e realiza-se com ato colegial do Conselho inspetorial dos Cooperadores, ouvidos os respectivos Conselhos locais, através de decreto do Coordenador do mesmo Conselho inspetorial. O novo Centro assume o lugar nas relações económicas ativas e passivas dos dois centros anteriores, salvo diferente disposição no decreto de fusão.

Art. 3 § 1. Quando uma obra dos SDB ou das FMA, junto à qual está em funcionamento um Centro local, for suprimida, esse poderá ser transferido para a obra mais próxima dos SDB ou das FMA, onde não haja um outro Centro, com as mesmas modalidades de que se fala no RVA n.º 45 § 2, ouvido o Conselho local do Centro a ser transferido.

§ 2. Na impossibilidade de realizar a transferência, o Centro local pode se tornar independente nas mesmas condições, após prévio con-

sentimento escrito do Bispo diocesano.

Art. 4. Salvo o caso de fusão de que fala o art. 2, um Centro local pode ser suprimido em si ou por supressão da obra dos SDB ou das FMA, junto à qual estava funcionando, tendo sempre em consideração os justos motivos avaliados pelo Conselho inspetorial dos Cooperadores, e com prévio consentimento do Inspetor e da Inspectora, tratando-se de uma obra das FMA, nas condições previstas pelo RVA n.º 45 § 2; na supressão de um Centro local independente é necessário que o Conselho escute o parecer do Bispo diocesano. Os bens temporais dos Centros suprimidos, bem como as relações econômicas ativas e passivas passam ao Conselho inspetorial, salvo diferente disposição no decreto de supressão.

Art. 5. Os Delegados locais não sacerdotes se comprometem, sempre que for possível, a terem para o próprio Centro um sacerdote salesiano, encarregado com o consentimento do Inspetor, para os momentos fortes de oração e de discernimento e para a vida sacramental-litúrgica dos Cooperadores. Esse sacerdote, também se eventualmente não salesiano, não será membro do Conselho local nem a ele competem responsabilidades organizadoras.

Art. 6. Quando Centros locais são fundados nas dependências de obras dos SDB ou das FMA, próximas entre si, é sumamente oportuno que se estabeleçam relações de entendimento e de colaboração, através de um comum acordo entre os Conselhos locais, respeitando sempre a autonomia própria de cada Centro e salvo a superior competência do Conselho inspetorial.

Art. 7. O Conselho inspetorial dos Cooperadores, em entendimen-

to com o Inspetor salesiano e com as Inspectoras das FMA competentes, determine a pertença dos diferentes Centros locais fundados junto de uma obra das FMA ao próprio núcleo inspetorial, sempre considerando cada circunstância, sobretudo tendo em vista a configuração geográfica em relação às realidades das Inspeorias das FMA e das estruturas diocesanas. Em caso de dúvida ou de controvérsia recorrer-se-á à Consulta mundial.

Art. 8. No núcleo inspetorial que une Centros fundados junto a obras das FMA de diferentes Inspeorias, favoreça-se, quando possível, uma pastoral de conjunto e a organização de iniciativas comuns, sobretudo no campo da formação. No desenvolvimento das atividades tenha-se em conta a necessária solidariedade e participação na pastoral diocesana, como estabelece o RVA art. 18 § 2.

Art. 9. Os Inspetores SDB e as Inspectoras FMA de acordo com suas atribuições nomeiem, sem injustificadas demoras, os Delegados e as Delegadas para cada Centro local ou núcleo inspetorial de Centros, como pede o RVA art. 46 § 2.

Art. 10. Se no contexto da própria Inspeoria FMA existirem mais Centros inspetoriais dos Cooperadores, a Delegada inspetorial é membro de direito de cada um deles.

É competência também da Delegada inspetorial visitar os Centros fundados junto às obras das FMA.

Art. 11 § 1. O Delegado inspetorial exerce suas tarefas de animação espiritual e de responsabilidade na formação salesiana apostólica em todos os Centros do núcleo inspetorial para o qual foi nomeado; para isso é sumamente conveniente que seja um sacerdote salesiano.

§ 2. No desenvolvimento da sua tarefa, trabalha de comum acordo com a Delegada inspetorial das FMA para um fecundo trabalho apostólico e com vistas à pastoral de conjunto.

§ 3. Com o entendimento da Inspetora competente e com a Delegada inspetorial, visita os Centros que funcionam junto das obras das FMA, também para "conservar e desenvolver as relações" (RVA 24 § 2) que unem os Cooperadores à Congregação salesiana.

Art. 12. As relações de colaboração e de co-responsabilidade entre os SDB e as FMA diante da Associação dos Cooperadores Salesianos em nível internacional sejam estudadas, de comum acordo, e periodicamente, pelo Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação social (cf. CSDB art. 137) e pela Vicária Geral (cf. CFMA art. 126). Com esta finalidade ambos poderão utilizar-se da colaboração de peritos.

Art. 13. Entre os cinco membros de sua nomeação, de que fala o RVA art. 48 § 1, o Reitor-Mor nomeará uma Filha de Maria Auxiliadora para a Consulta mundial dos Cooperadores Salesianos, após prévia apresentação da Superiora Geral das FMA.

Art. 14. O Reitor-Mor dos SDB e a Superiora Geral das FMA providenciarão a atuação do presente convênio e resolverão de comum acordo toda dúvida ou controvérsia, que eventualmente surgirem a respeito.

Roma, 16 de agosto de 1986.

Sac. Egidio Viganó

Reitor-Mor

dos Salesianos de Dom Bosco

Madre Marinella Castagno

Superiora Geral

das Filhas de Maria Auxiliadora

5.3. Reconhecimento de pertença à Família Salesiana do Instituto das Irmãs Missionárias de N. Senhora Auxiliadora

No dia 27 de junho de 1986, na reunião do Conselho geral salesiano, foi discutido e foi aceito o pedido de reconhecimento de pertença à Família Salesiana do Instituto das Irmãs missionárias de N. Senhora Auxiliadora. Transcrevemos as duas cartas do Reitor-Mor endereçadas respectivamente à Superiora geral do Instituto e aos Responsáveis Maiores dos grupos da Família salesiana.

Roma, 8 de julho de 1986

Reverenda Madre Ir. Mary Rose THAPA
Superiora Geral
"Irmãs missionárias de N. Senhora Auxiliadora"
SHILLONG — Assam — ÍNDIA

Reverenda Madre,

tenho a alegria de comunicar-lhe que no plenum do Conselho geral dos Salesianos, no dia 27 de junho de 1986 foi discutido e positivamente aceito o pedido para o reconhecimento oficial de pertença do vosso Instituto à Família Salesiana.

O pedido fora apresentado pelo vosso 3.º Capítulo Geral de 1982 e renovado pelo Conselho em 1983.

Acompanhado com afeto fraterno antes pelo saudoso Pe. João Raineri e depois pelo Pe. Sérgio Cuevas, foi apoiado pelos testemunhos autorizados dos três Bispos salesianos Mons. Orestes Marengo, Mons. Thomas Menampampil e Mons. Robert Kerketta, em cujas dioceses a vossa Congregação desenvolve um fecundo apostolado.

Na origem do Instituto está, como dom particular de Deus, a providencial iniciativa de Mons. Estêvão Ferrando, ardente missio-

nário salesiano, que vos transmitiu com fidelidade o espírito e o estilo de Dom Bosco.

As Filhas de Maria Auxiliadora, por uns trinta anos vos ajudaram a encarnar o mesmo espírito. A colaboração com os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora mais ainda o consolidaram; o serviço por quase vinte anos do Pe. Noel Kenny, ótimo animador espiritual, o aumentaram. Com essas contribuições de grande valor, o Instituto fortaleceu-se e caminhou com fruto.

Nos dias passados no nosso Conselho geral, estudamos as vossas Constituições renovadas e os Atos do 2.º e 3.º Capítulo Geral: apreciamos alguns traços característicos do vosso carisma:

- o nome significativo de “Irmãs Missionárias de N. Senhora Auxiliadora”;
- a evangelização das jovens e garotas pobres, especialmente nas aldeias;
- a atenção aos mais pobres e doentes;
- o espírito missionário aberto e popular com grande capacidade para acompanhar as pessoas no longo caminho da conversão ao catolicismo;
- o espírito de família;
- a piedade mariana;
- a vida evangélica (votos, oração, ascese) na escola do espírito de Dom Bosco;
- o método pastoral inspirado no Sistema Preventivo;
- o estilo de vida simples e alegre;
- o otimismo;
- a temperança e o trabalho santificado;
- a constante relação no trabalho missionário com os Salesianos.

Em nossa Família vós ocupais um lugar original que enriquece também os outros Grupos. O vosso testemunho religioso e missionário vos leva a animar e promover típicas presenças do apostolado às quais a Congregação dedica-se prioritariamente: catequese e promoção humana, escolas, oratórios festivos e cotidianos, casa de repouso para anciões, postos de saúde etc... São uma confirmação concreta do amor a Cristo, a Nossa Senhora e à Igreja. Sejam sempre disponíveis a colaborar com os Bispos para construir a Igreja local.

Agradecemos a Deus pela fecundidade concreta do vosso carisma.

A data do próximo Capítulo geral com o Centenário da morte de Dom Bosco, 1988, me faz esperar que este reconhecimento oficial da pertença impulsionará a todas vós a aprofundar ainda mais o conhecimento da maravilhosa missão do vosso Instituto e a intensificar a comunhão com os outros Grupos da Família Salesiana para favorecer o intercâmbio de valores e de experiências apostólicas. Isto comprometerá mais ainda os Salesianos a garantir uma assistência espiritual e uma animação pedagógica, catequética e missionária.

O inesquecível e benemérito Mons. Estêvão Ferrando lá do céu se alegra e vos guia!

Nós rezaremos para que Deus, pela intercessão de Nossa Senhora Auxiliadora e de São João Bosco, continue a vos fazer crescer em número, em fervor e em boas obras, para a Sua glória e para o bem dos pequenos e dos pobres.

A Senhora, reverenda Madre, e a todas as suas irmãs, o mais fervido augúrio e a saudação mais cordial do Conselho geral e meu.

Com profunda estima e afeto no Senhor.

Pe. Egidio Viganó

Aos Responsáveis Maiores dos Grupos da Família Salesiana

Roma, 8 de julho de 1986

Com alegria comunico-vos que no dia 27 de junho de 1986 foi aceito pelo Reitor-Mor com seu Conselho o pedido oficial de pertença das Irmãs Missionárias de N. Senhora Auxiliadora, fundadas em Gauhati (Assam — Índia) em 1942 pelo bispo salesiano Dom Estêvão Ferrando.

Desde 1945 de direito diocesano, com o "Decretum laudis" de 21 de março de 1977 tornaram-se de direito pontifício.

Atualmente são 350 professoras e 42 noviças: trabalham numas 50 comunidades em doze dioceses e em seis Estados indianos do Nordeste.

Por uns trinta anos foram ajudadas com tanta bondade pelas Filhas de Maria Auxiliadora. Desde 1976 são plenamente autônomas, e a Superiora Geral é Madre Mary Rose Thapa.

Sua finalidade específica é missionária; evangelização da juventude das aldeias com atenção especial ao elemento feminino (meninas, jovens, noivas, mães) e aos pobres e doentes.

O espírito salesiano é vivo entre elas, com características próprias: preferência pela juventude e as classes populares, oração e trabalho, espírito de família, método pastoral da bondade, simplicidade, alegria, otimismo, fraternidade ativa, sobretudo com os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora.

De fato, portanto, o delas é um dos Institutos que vivia "a pertença à Família Salesiana".

A declaração oficial nos compromete a todos em acompanhar es-

tas Irmãs com o mais vivo sentido de parentesco espiritual para caminhar-mos "juntos e para frente", no serviço à Igreja e ao mundo contemporâneo.

Possa a "doce Auxiliadora" (como elas A chamam) maternalmente assistir estas nossas queridas Irmãs em seu generoso trabalho missionário.

Acompanham-nas a alegria, a solidariedade e a oração de todos os membros de uma Família em crescimento.

Em comunhão de ideais

Pe. Egidio Viganó

5.4. 50.º Aniversário da profissão do Reitor-Mor. Mensagem do Santo Padre

Como o próprio Reitor-Mor lembra em sua Carta publicada neste número dos Atos, o dia 1.º de setembro recorre o 50.º aniversário da sua profissão, feita no Noviciado de Montodine (Cremona — Itália) a 1.º de setembro de 1936.

Esta data jubilar foi celebrada na intimidade familiar da Casa generalícia: com uma vibrante Celebração dos Conselheiros presentes em Roma, da comunidade da Casa generalícia e um grande número de Filhas de Maria Auxiliadora. Todos agradeceram a Deus pelo presente feito à Família Salesiana com a vocação do Pe. Egidio Viganó e elevaram por ele e por toda a Congregação a mais fervida oração. O Vicário geral, Pe. Gaetano Scervo, estimulou a oração comum lembrando o testemunho entusiasta e esclarecido do magistério que o VII Sucessor de Dom Bosco traz para toda a Família Salesiana.

Por ocasião deste acontecimento o Santo Padre fez chegar uma linda mensagem que aqui transcrevemos com reconhecimento.

Ao Pe. Egidio Viganó, Reitor-Mor da Sociedade de São João Bosco, no 50.º aniversário da sua profissão religiosa, expresso um vivo augúrio pelo acontecimento, com sentimentos de agrado, de estima e de benevolência, que a lembrança dos Exercícios Espirituais pregados pelo senhor na Casa Pontifícia torna mais vivos e cordiais; e enquanto invoco sobre o seu zelante ministério como guia da Família Salesiana o especial auxílio de Deus, para que o senhor, no espírito de Dom Bosco, continue a estar aberto a todas as exigências da evangelização em nossos dias, especialmente entre os jovens e nas Missões, é grato para mim repartir sobre o senhor, os irmãos e sobre todos os que lhe são queridos uma particular bênção apostólica.

Ioannes Paulus II

5.5. Novos Inspetores

Como foi assinalado na Crônica do Conselho geral (cf. 4.2), na última sessão plenária de junho-julho foram nomeados seis novos Inspetores. Apresentamos em seguida algumas notas ilustrativas.

1. IRINEU DANELON, Inspetor de São Paulo (Brasil)

É de Piracicaba (São Paulo), onde nasce a 4 de abril de 1940. Atraído por Dom Bosco, Irineu Danelon emitiu a sua primeira profissão salesiana a 31 de janeiro de 1958 e, após os estudos e as primeiras experiências apostólicas, foi ordenado sacerdote em São Paulo a 16 de setembro de 1967. Licen-

ciado em Filosofia e Letras, frequentou a UPS em Roma, onde alcançou a Licenciatura em Pastoral catequética. Voltando à Inspeção, foi diretor do Estudantado filosófico de Lorena e do Liceu Salesiano de Campinas. Desde 1976 era membro do Conselho inspetorial; participou ativamente do CG22.

2. CARLOS FILIPPINI, Inspetor da Novarese-Helvética (It)

Nascido em Salbiate Olona (Varese, It) a 11 de março de 1929, Carlos Filippini, após ter frequentado o Colégio salesiano de Casale Monferrato, fez o Noviciado em Morzano Vercellese, onde a 16 de agosto de 1946 emitiu a sua primeira profissão religiosa. Terminados os estudos de Teologia no Estudantado de Bollengo (Turim), foi ordenado sacerdote a 1.º de julho de 1957. Licenciado em Teologia, após alguns anos de experiência prática, foi chamado a cargos de responsabilidade, como Diretor em Canelli (Asti) e depois na "escola apostólica" de Turim-Valdocco. Nascendo em Roma o centro "Terra nova" para a preparação do laicado missionário, o Pe. Filippini o dirigiu por três anos, até quando foi chamado a dirigir a nova paróquia de "Nossa Senhora da Esperança" em Roma. Membro do Conselho inspetorial desde 1981, participou como Delegado ao CG22. Desde 1984 era Vicário do Inspetor.

3. GUILLERMO GARCIA MONTAÑO, Inspetor de México (México)

Nascido em Zamora (México) a 26 de abril de 1937. Guillermo Garcia fez o Noviciado salesiano em Coacalco, concluindo-o com a profissão religiosa a 16 de agosto de

1954. Ordenado sacerdote na Cidade do México em 1964 e alcançada a Licença para o Magistério nas escolas superiores, frequentou também o curso de Pastoral junto do CELAM em Medellín (Colômbia). De volta à Inspeção, foi chamado a dirigir a Casa salesiana de México-Santa Júlia, depois a de México-Arista e em seguida o Colégio de Arenal (Rio Manso) Participou como Delegado da Inspeção ao CG22. Desde 1985 era Vicário do Inspetor.

4. *CARLOS GIACOMUZZI,*
inspetor de Lima (Peru)

De origem italiana, nascido em Ziano di Fiemme (Trento) a 14 de abril de 1930, sentiu crescer a vocação salesiana e missionária frequentando a casa de Ivrea (Turim). Terminado o Noviciado em Villa Moglia (Turim), emitiu a primeira profissão salesiana a 16 de agosto de 1953. Ainda jovem foi mandado para a Inspeção do Paraguai. Estudou Teologia em Córdoba (Argentina), coroando a sua preparação com a ordenação sacerdotal a 22 de setembro de 1962. Alcançada a Licença em Filosofia e em Ciências da Educação, no ano de 1968 foi chamado a dirigir a casa de Ypacarai e sucessivamente foi nomeado membro do Conselho inspetorial. No ano de 1977 participou do CG21 e dois anos depois foi eleito Inspetor da Inspeção do Paraguai. No ano passado, terminado o seu mandato, esteve na UPS para um ano de "aggiornamento" e de estudos, até ser nomeado Inspetor no Peru.

5. *STANISLAW SKOPIAK,*
inspetor de Pila (Polónia)

Stanislaw Skopiak nasceu na província de Lodz, em Wlastowice, no

dia 2 de novembro de 1938. Após o ano de Noviciado feito em Czerwinsk, emitiu a profissão salesiana a 2 de agosto de 1956. Frequentou os estudos de Teologia no Estudantado de Lad, coroando-os com a ordenação sacerdotal a 1.º de junho de 1965. Vindo para a Itália como colaborador do Conselheiro regional para a Europa Central, frequentou o Conservatório musical de Turim; sucessivamente em Roma se matriculou na Pontifícia Faculdade Afonsiana, onde alcançou o Bacharelado em Teologia Moral. Voltando para a Polónia foi antes professor e depois diretor do Estudantado teológico de Lad. Participou como Delegado nos dois últimos Capítulos Gerais. Desde 1980 era Vicário do Inspetor.

6. *ADAM SMIGIELSKI,* *inspetor de Wroclaw (Polónia)*

Adam Smigielski nasceu em Przemysl (Polónia) a 24 de dezembro de 1933. Após o curso dos estudos humanistas e após o ano de Noviciado em Kopiec, emitiu os primeiros votos religiosos na Sociedade salesiana a 2 de setembro de 1952. Seguiram-se as etapas de formação e foi ordenado sacerdote em Lublin a 30 de junho de 1957. Frequentou em seguida a Universidade católica de Lublin para se especializar em Sagrada Escritura; depois esteve em Roma, onde alcançou o Bacharelado em Sagrada Escritura no Pontifício Instituto Bíblico. De volta à sua pátria, foi professor antes e depois diretor do Estudantado teológico de Kraków. Em 1975 foi nomeado membro do Conselho inspetorial e em 1984 participou como Delegado ao CG22. Ultimamente, desde 1982, era Diretor da nossa casa de Oswiecim.

5.6 Nomeação pontifícia

No dia 29 de junho de 1986 o "Osservatore Romano" publicava a notícia que o Santo Padre nomeara *Prefeito Apostólico* de LASHIO (Birmânia) o sacerdote salesiano CHARLES MAUNG BO.

Pe. Charles nasceu na Birmânia, em Monhla — Mandalay, no dia 28 de outubro de 1948. Emitiu a primeira profissão salesiana na Casa de Anikasan a 24 de maio de 1970 e foi ordenado sacerdote em Lashio no dia 9 de abril de 1976. Atualmente ele exerce o seu apostolado salesiano com os nossos irmãos em Anikasan.

5.7. Solidariedade fraterna (48.º relatório)

Apresentamos o 48.º relatório das quantias recebidas para o fundo da "Solidariedade fraterna" e de sua distribuição decidida pela Comissão.

a) *Inspetorias que quiseram beneficiar outras Inspetorias e obras necessitadas:*

AMÉRICA LATINA

Argentina: Inspetoria de Córdoba 1.500.000

AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos: Inspetoria S. Francisco 19.250.000

AUSTRÁLIA

Inspetoria de Oakleigh 3.000.000

ÁSIA

Japão: Inspetoria de Tokyo 30.000.000
 Índia: Inspetoria de Bangalore 2.037.650
 Inspetoria de Bombay 15.000.000
 Inspetoria de Calcutá 2.000.000

EUROPA

Bélgica-Norte: Inspetoria de Brussel 3.200.000
 Itália: Inspetoria Adriática (Faenza) 1.000.000
 Inspetoria Romana (Eslovenos) 1.000.000
 Inspetoria Vêneto-Leste (Údine) 2.000.000
 Holanda: Inspetoria Leusden 15.000.000
 Espanha: Inspetoria Córdoba 10.000.000
 Inspetoria León 1.700.000
 Oriente Médio: Makallé 600.000

b) *Inspetorias e Obras beneficiadas pelo fundo "Solidariedade Fraternal":*

AFRICA

Africa Central: Butare (Rwanda) para auxílio da nova casa	10.000.000
Angola (Inspetoria São Paulo) para as necessidades mais urgentes	10.000.000
Sudão — Wau (Inspetoria Bombay) para auxílio da nova casa	10.000.000
Zâmbia — Ipusiliko (Inspetoria Warszawa): para auxílio da nova casa	5.000.000
Zâmbia — Nsakaluba (Inspetoria Warszawa): para auxílio da nova casa	10.000.000

AMÉRICA LATINA

Colômbia — Chocó (Inspetoria Medellín): para auxílio da nova casa	4.000.000
--	-----------

ASIA

China (Inspetoria Hong Kong) — Vietnam: para as necessidades dos irmãos	20.000.000
Birmânia (Inspetoria Calcutá) para a formação	10.000.000

ORIENTE MÉDIO

Qamishli (Síria) para auxílio da nova casa	10.000.000
---	------------

5.8. Irmãos falecidos em 1986 — 3.ª lista

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade a nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
L AMBROGIO Matteo	Quito	17.06.86	76 ECU
P ANTON NAVAS Santiago	Mérida	26.06.86	72 SSE
P ÁVILA Gilberto	Americana	18.06.86	30 BSP
P BARAUT Pablo	Barcelona	21.07.86	78 SVA
L BÁRCENA GIL Jesús	La Coruña	26.07.86	82 SLE
L BELTRAMI Mário	Muzzano	02.09.86	66 INE
P BERLESE Luigi	Borgomanero	23.06.86	81 INE
L BOARETTO Albano	Muzzano	18.06.86	80 INE
L BORIS Felice	Torino	23.08.86	73 ISU
L BORRO Secordino	Milano	29.06.86	71 ILE
L BOTTAZZO Ubaldo	Roma	22.08.86	63 IRO
P CALZADA SANCHES Fermin	Ronda	15.08.86	81 SCO
L CAVATORTA Giuseppe	Avigliana	29.08.86	84 ISU
P CECCATO Renato	Mogliano Veneto	02.08.86	51 IVE
P CHAO Rodolfo	Buenos Aires	21.06.86	58 ABA
L CHIALE Pasquale	Cochabamba	23.07.86	74 BOL
P CORNELL Wallace	New Rochelle (USA)	10.07.86	65 AUL
P CURBELO MIÑO Lucio	Montevideo	04.08.86	73 URU
P DAHER Ezio	Pará de Minas	23.07.86	61 BBH
P DECARIE Pierre	Sherbrooke (Canadá)	12.07.86	74 SUE
L DEL FAVERO Lorenzo	Venezia	21.06.86	81 IVE
P DIESTE LÓPEZ José Maria	Barcelona	01.07.86	60 SBA
P DOBSONY József	Debrecen	13.06.86	89 UNG
P FEDRIGOTTI Albino	Torino	25.08.86	83 ICE
<i>Foi por 5 a. Inspetor, por 4 a. Conselheiro do Capitulo Superior e por 20 a. Prefeito Geral</i>			
P FERRANDIZ ESPÍ Fernando	Campello	13.06.86	56 SVA
P FISCHER Bernard	Grathem	10.08.86	89 OLA
P FORADORI Ezio	Ensenada	07.08.86	66 ALF

48 ATOS DO CONSELHO GERAL

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P GALANT Salvador	Buenos Aires 20.07.86	82	ABA
L GIL LOZANO Pedro	Bahía Blanca 04.09.86	64	ABB
P GONZALO Leandro	Neuquén 14.07.86	66	ABB
P GUARNIERI Agostino	Cremona (It) 02.09.86	74	INC
P HILTON George	Blaidson 04.08.86	81	GBR
P HORVAT Franc	Trstenik 09.02.86	85	JUL
P LONGO Agostino	Sesto S. Giovanni 29.07.86	73	ILE
P LOTZ Jakob	Künzing (Baviera) 23.06.86	81	GEM
P MARIÑO Miguel Angel	Medellín 29.07.86	87	COM
P MINERVINI Ignacio <i>Foi Inspetor por 12 anos</i>	Ramos Mejia 16.06.86	81	ABA
P MIRANDA VENTURA José	Lima 22.08.86	69	PER
L PAGLIERO Sebastiano	Caracas 09.07.86	86	VEN
P PORCIÚNCULA Ozair	Americana (Br) 18.08.86	49	BSP
L PUGLIESE Nicola	Bari 23.06.86	79	IME
P RAVERA Guglielmo	Colle Dom Bosco 06.09.86	45	ICE
P RAZZA Renato	Bahía Blanca 03.09.86	74	ABB
L SANNA Giovanni	Méndez 26.07.86	95	ECU
P SANTOS DE DIOS Hilario <i>Foi Inspetor por 1 ano</i>	Madrid 01.08.86	44	SBI
P SCARAMPI Giuseppe	Torino 30.06.86	65	ISU
P SCHNÜRER Francesco	La Serena 28.07.86	73	CIL
P SKALBANIA Adam	Warszawa 30.06.86	79	PLE
P STACHLEWSKI Francisco	Rio Grande 28.07.86	75	BPA
L TALLONE Giuseppe	Torino 23.06.86	77	ISU
P VANSTON John Francis	Bensheim (Alem) 04.07.86	70	GBR